

A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Rosemary Almeida Santos
Instituto de Ensino Superior Múltiplo
E-mail: almeida.rose35@gmail.com

Jefferson Flora dos Santos de Araújo
Instituto de Ensino Superior Múltiplo
E-mail: jeffsantosa@gmail.com

Cícero Gabriel dos Santos
Universidade Federal da Paraíba
E-mail: cicero gabriel.ufpb@gmail.com

Resumo

A aquisição da linguagem escrita na Educação Infantil é um processo por meio do qual as crianças vão expandindo seus conhecimentos e suas experiências através do contato com a cultura escrita. Neste artigo propomos uma discussão acerca dos aspectos que favorecem a aquisição da linguagem escrita na sala de aula da Educação Infantil. Optamos por uma abordagem qualitativa e pela utilização de procedimentos de caráter bibliográfico, por favorecerem o estudo e a análise de documentos do domínio científico, com vistas à reflexão sobre a apropriação da escrita. Considerando a literatura pesquisada, verificamos que a identificação e a nomeação das letras, as atividades empreendidas em torno da escrita do próprio nome da criança e a inserção das atividades de leitura e produção de textos na sala de aula da Educação Infantil são aspectos considerados importantes para a aquisição da linguagem escrita nessa fase de escolarização. Concluímos com esse estudo que as crianças devem vivenciar experiências significativas com a linguagem escrita, desde os momentos iniciais de sua formação.

Palavras-chave: Educação Infantil. Aquisição da linguagem. Linguagem escrita.

1 Introdução

O trabalho com a linguagem é um dos eixos fundamentais para a ampliação da participação das crianças da Educação Infantil nas diversas práticas sociais¹. Considerando sua importância na formação do sujeito, na interação com as outras pessoas, na orientação das ações e no desenvolvimento do pensamento, conforme orienta o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil - Brasil (1998), doravante RCNEI – Brasil (1998), diferentes procedimentos – leitura de textos escritos pelo/a professor/a, prática de escrita espontânea, escrita do próprio nome e produção de textos orais tendo o professor como escriba, entre

¹ Estamos entendendo como práticas sociais o conjunto de atividades humanas, definido culturalmente.

outros –, com vistas à promoção de experiências significativas com a linguagem escrita, devem ser tomados como objeto de aprendizagem das crianças desde os momentos iniciais de sua formação, mas não, necessariamente, a sistematização da escrita – desenvolvimento de atividades relativas às convenções da escrita ou aos conhecimentos textuais: familiarização com a combinação de letras, construção de palavras, análise fonológica, composição e decomposição de palavras, comparação de palavras quanto ao número de letras, escrita de palavras que sabem de memória.

De acordo com Vygotsky (2007), a tarefa primordial de investigação científica sobre a modalidade escrita da linguagem é, entre outros aspectos mostrar o que leva a criança a escrever, os pontos pelos quais se passam essa aprendizagem e qual sua relação com o espaço escolar. Nessa perspectiva, na sala de aula da Educação Infantil, a criança tem um mundo inteiro a explorar, não havendo necessidade quanto ao aceleração do processo de aquisição do Sistema de Escrita Alfabético, porque, inicialmente, a criança irá adquirindo de forma natural outras formas de linguagens e espontaneamente chegará à linguagem escrita (LEANDRO; ARANTES; GOMES, 2013).

Diante do exposto, definimos como objetivo geral dessa pesquisa discutir aspectos que favorecem a aquisição da linguagem escrita na sala de aula da Educação Infantil. A partir desse objetivo, definimos os objetivos específicos de investigação: a) Estudar a literatura que versa sobre a aquisição da escrita na sala de aula da Educação Infantil; b) Destacar, a partir da literatura pesquisada, os aspectos considerados importantes para a aquisição da linguagem escrita na sala de aula da Educação Infantil. Para procedermos ao estudo proposto, organizamos este artigo em cinco seções, a saber: a introdução, a metodologia e a fundamentação teórica, que compreende: a) as considerações sobre a Educação Infantil no contexto atual da educação, a partir dos estudos de Alves (2011) e Marinho (2014); b) uma abordagem a respeito do contato com a cultura escrita e o desenvolvimento da escrita, a partir das contribuições de Fayol (2014), Vygotsky (2007) e do RCNEI - Brasil (1998); e, c) a discussão sobre os aspectos que possibilitam a aquisição da linguagem escrita na sala de aula da Educação Infantil, com base nos estudos de Albuquerque e Carvalho (2011), Augusto (2011), Girão e Brandão (2011), Fayol (2014) e nos estudos expressos no RCNEI – Brasil (1998). Nas considerações finais, apresentamos nossas reflexões acerca do estudo realizado e, em seguida, as devidas referências.

2 Metodologia

A metodologia pautou-se por uma abordagem qualitativa, que é, em si mesma, um vasto campo de investigação. Segundo Silveira e Córdova (2009), esse modelo de pesquisa preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados. Portanto, nossa preocupação será registrar, organizar e discutir as contribuições de diferentes autores, com vistas ao aprofundamento de questões relativas aos objetivos dessa pesquisa, apresentados anteriormente. Quanto aos procedimentos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica que, segundo Oliveira (2007), consiste em estudar e analisar documentos do domínio científico: livros, periódicos, ensaios e artigos científicos, entre outros, e tem como finalidade colocar o pesquisador em contato direto com as contribuições de diferentes autores sobre o tema em estudo. Em conformidade com Moreira e Caleffe (2006), utilizaremos como fontes materiais já elaborados: artigos científicos, trabalhos de conclusão de curso e capítulos de livros.

3 Reflexões sobre a aquisição da linguagem escrita na Educação Infantil

3.1 O contato com a cultura escrita e o desenvolvimento da escrita

A escrita é um dos elementos importantes e fundamentais para o desenvolvimento cultural da criança, porque desde cedo ela se ver em contato com a cultura escrita, mesmo antes de frequentar uma instituição escolar, ou seja, a aquisição da escrita é um processo de construção do sujeito em interação com o ambiente social. Portanto, sendo estimulada, desde pequena, a utilizar lápis e papel, é possível perceber diversas tentativas de escrita realizadas pela criança ao traçar pequenos círculos, linhas verticais ou ainda traços indistintos, o que representa a descoberta da função simbólica da escrita. A partir deste momento, a criança começa a percorrer um caminho progressivo, por meio da combinação arbitrária de signos até que em determinado momento sua escrita assume uma função comunicativa.

No ambiente familiar, quando os pais leem uma história para a criança ou explicam regras de um jogo por meio da leitura de um texto instrucional, a criança se envolve em atividades sociais, mediadas pelo uso da leitura e da escrita. Essas atividades fazem com que a criança comece a expressar suas ideias sobre a escrita. Nesse sentido, ao presenciar a realização de atividades que mobilizam a escrita – preparação de listas de compras, preenchimento de formulários e a escrita de textos diversos –, a criança é beneficiada pelo

contato com a cultura escrita, o que representa um estímulo ao desenho e à escrita espontânea (FAYOL, 2014).

De acordo com o RCNEI – Brasil (1998), o contato com a linguagem escrita também acontece por meio do uso de seus diferentes portadores de textos, como livros, jornais, embalagens e cartazes, entre outros. Essas situações permitem que as crianças tenham a oportunidade de participar de usos reais da leitura e da escrita, o que contribui para o seu desenvolvimento cognitivo, isto é, o estímulo à reflexão, ao levantamento de hipóteses e ao surgimento de questionamentos.

Considerando os estudos de Vygotsky (2007) sobre o desenvolvimento da linguagem escrita, destacamos os fatores que levam a criança a escrever, ou seja, os pontos mais relevantes para o desenvolvimento da escrita infantil. Segundo o pesquisador, a história da aprendizagem da escrita pela criança é iniciada pelo aparecimento do gesto como símbolo visual, que contém a futura escrita da criança.

Nessa linha de reflexão, fundamentado nos estudos de Vygotsky (2007), Santos (2016) destaca dois domínios em que os gestos estão diretamente relacionados à origem dos signos escritos, a saber:

a) os rabiscos das crianças, os quais são antecidos por gestos que demonstram o que elas deveriam mostrar nos desenhos e b) os jogos das crianças, os quais consistem na utilização de alguns objetos como brinquedos e na possibilidade de executar com eles um gesto representativo (SANTOS, 2016, p. 13).

Nesse sentido, é através dos gestos que a criança começa a fazer os primeiros rabiscos, porque ela usa a dramatização com gestos, ao invés de demonstrar com desenhos, ou seja, “os gestos são a escrita no ar, e os signos escritos são, frequentemente, simples gestos que foram fixados” (VYGOTSKY, 2007, p. 128). Para este estudioso, o brinquedo simbólico da criança pode ser entendido como um sistema complexo de fala, ou seja, através de gestos a criança comunica e indica os significados dos objetos utilizados para brincar – um cabo de vassoura poderá transformar-se em um cavalo de pau. Nessa fase de desenvolvimento do simbolismo do brinquedo, a criança utiliza os gestos com o brinquedo para atribuir um novo significado ao objeto.

As ações gestuais do ato de brincar diminuem à medida que a idade avança, ao mesmo tempo em que a fala passa a predominar. Desse modo, a representação simbólica no

brinquedo é compreendida como uma forma particular de linguagem num estágio inicial, atividade que leva diretamente à linguagem escrita.

Outro aspecto relacionado à aquisição da linguagem escrita é o surgimento do desenho da criança. Este tem seu início a partir do momento em que a linguagem falada alcança grande progresso e se torna uma atividade frequente. As crianças, nessa fase, não se preocupam muito com a representação detalhada, porque são muito simbolistas e não demonstram preocupação com a semelhança, satisfazendo-se com superficialidades. Nesse sentido, quando uma criança libera seus repositórios de memória através do desenho, “ela o faz à maneira da fala, contando uma história. A principal característica dessa atitude é que ela contém certo grau de abstração, aliás, imposta por qualquer representação verbal” (VYGOTSKY, 2007, p. 136).

Os desenhos infantis lembram conceitos verbais² que indicam apenas elementos essenciais dos objetos representados simbolicamente. Estes aspectos possibilitam a interpretação do desenho infantil como estágio inicial no desenvolvimento da linguagem escrita, pois é a partir do desenho que as crianças começam a construir suas histórias e escrever de forma espontânea, ou seja, aos poucos vão surgindo as representações simbólicas. Os desenhos, nesse caso, são entendidos como uma linguagem gráfica que surge tendo como base a linguagem verbal.

Em relação ao desenho das crianças, Fayol (2014) considera que, até os 3 anos de idade, desenho e escrita não se diferenciam, porque as crianças realizam rabiscos indistintos como desenho e como escritos. Entretanto, destaca que entre 3 e 5 anos, as crianças demonstram diferenciar o desenho da escrita e algumas propriedades da escrita começam a ser representadas. Nesse sentido, Nas palavras de Vygotsky (2007, p. 139),

os sinais escritos constituem símbolos de primeira ordem, denotando diretamente objetos ou ações e que a criança terá ainda de evoluir no sentido de simbolismo de segunda ordem, que compreende a criação de sinais escritos representativos dos símbolos falados das palavras. Para isso, a criança precisa fazer uma descoberta básica – a de que se pode desenhar, além de coisas, também a fala (VYGOTSKY, 2007, p. 139).

Do trecho supracitado, entendemos que a aquisição da linguagem escrita nas crianças compreende a transição do desenho de coisas para o desenho de palavras. Quando atingido, esse processo de deslocamento evidencia o domínio do princípio da linguagem escrita, que

² Para representar sua compreensão dos objetos, as crianças utilizam desenhos.

deverá ser aperfeiçoado. Nessa fase de aquisição da escrita, a criança transforma os traços indiferenciados – rabiscos – em figuras e desenhos, que por sua vez são substituídos pelos signos, isto é, no processo de simbolização da escrita, traços e rabiscos são substituídos por pequenas figuras e desenhos, e estes, por sua vez, são substituídos pelas letras/signos.

É necessário entender a escrita nessa fase de aquisição como uma representação simbólica da linguagem, porque a criança expressa sua compreensão do mundo através de gestos, olhares e expressões faciais, rabiscos, desenhos, ou seja, a partir da construção de sentidos e significados individuais e sociais, através dos quais ela elabora suas hipóteses com base em sua experiência de vida. Portanto, a criança apropria-se da linguagem escrita antes mesmo de entrar para a escola, pois a escrita se constitui em objeto cultural e não somente escolar.

3.3 Aspectos que possibilitam a aquisição da linguagem escrita na sala de aula da Educação Infantil

A sala de aula da Educação Infantil deve ser entendida como um espaço que envolve criatividade, relações sociais, construção de conhecimentos e, acima de tudo, deve ser um espaço lúdico. No sentido empreendido por Brandão e Carvalho (2011, p. 141), o termo lúdico corresponde ao “entrelace de práticas agradáveis, desafiadoras” que englobam a criança em todas as suas dimensões. Por essa razão, o trabalho com a Educação Infantil deve ser feito de uma forma agradável, para que as crianças sintam interesse em aprender, a partir de atividades lúdicas que respeitem o tempo de aprendizagem de cada uma delas.

De acordo com o RCNEI – Brasil (1998), desde muito pequenas as crianças usam lápis e papel para imprimir marcas que imitam a escrita dos mais velhos e utilizam livros, revistas, jornais, gibis e rótulos para ler o que está escrito. Nesse contexto, quando convivemos com crianças pequenas, podemos observar que elas já apresentam um interesse crescente em relação à aprendizagem das letras, principalmente aquelas relacionadas às letras do seu nome, dos nomes de seus familiares e de seus colegas. Nessa direção, Albuquerque e Leite (2011) afirmam que as crianças nascem em um mundo em que existe uma grande quantidade de letras, presente em vários materiais que fazem parte de diferentes contextos socioculturais, como jornais, revistas, livros de literatura infantil, receitas, lista de compras e rótulos de embalagem, entre outros. Essas autoras defendem a relevância do trabalho com as letras do alfabeto na Educação Infantil, por constituir uma forma de possibilitar que as

crianças vivenciem o processo de construção da escrita alfabética, mas argumentam que não estão defendendo que as crianças sejam alfabetizadas nessa fase de escolarização.

Para Fayol (2014) o reconhecimento das letras e a associação destas com seus nomes e seus sons exigem tempo e demandam uma aprendizagem planejada, por essa razão, grafar letras é um processo lento e delicado, porque compreende três dimensões: a motricidade, a percepção e a cognição. Nesse sentido, o autor defende que os jogos formados por letras, a escrita dos nomes próprios e a leitura de livros de histórias infantis (tendo o professor como leitor) e a produção textual escrita (tendo o professor como escriba) são atividades que familiarizam as crianças com certas dimensões da escrita, ou seja, é um meio de ambientar a criança em relação às especificidades, formas e funções da escrita.

Nesse sentido, o conhecimento dos nomes das letras e sua identificação podem ajudar, posteriormente, no processo de apropriação da escrita alfabética e esta ajuda relaciona-se com as experiências dos aprendizes com as letras e com o ensino da língua escrita realizado na escola. Nessa linha de reflexão, Albuquerque e Leite (2011, p. 114) afirmam que,

quanto mais oportunidades forem dadas as crianças de, por meio de atividades lúdicas, serem incentivadas a pensar e refletir sobre o funcionamento da escrita alfabética e a vivenciarem diferentes práticas de leitura e escrita, mais elas serão desafiadas e estimuladas a se envolverem com a língua escrita, e, nesse envolvimento, elas estarão construindo conhecimentos importantes para o processo de alfabetização.

Esse posicionamento pode ser justificado pelo fato de que, quando estimuladas por seus pais ou por outras pessoas com as quais convivem, seja no ambiente familiar ou escolar, as crianças começam a ser despertadas para a existência das letras relacionadas ao seu nome e aos nomes das pessoas da família.

Em trabalho sobre a linguagem escrita na Educação Infantil, Augusto (2011) ressalta que a escrita do próprio nome pela criança tem um papel fundamental na construção de sua identidade e possui características linguísticas que muito favorecem a reflexão sobre como se escreve, porque “o nome é uma escrita clara, objetiva, estável e sempre presente no cotidiano: nas etiquetas dos próprios pertences, no mural da sala, abaixo dos desenhos expostos, na lista de ajudantes do dia, dos aniversariantes etc.” (AUGUSTO, 2011, p. 131).

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil,

saber escrever o próprio nome é um valioso conhecimento que fornece as crianças um repertório básico de letras que lhes servirá de fonte de informação para produzir outras escritas. A instituição de Educação Infantil deve preocupar-se em marcar os pertences, os objetos pessoais e as produções das crianças com seus nomes. É importante realizar um trabalho intencional que leve ao reconhecimento e reprodução do próprio nome, para que elas se apropriem progressivamente da sua escrita convencional (BRASIL, 1998, p. 147).

Considerando os aspectos anteriormente mencionados, entendemos que a escrita do próprio nome é uma ferramenta importante para a aquisição da escrita alfabética, pois, a partir da escrita do próprio nome, da identificação das letras e da comparação com os nomes de outras pessoas, aos poucos, a criança começa a refletir sobre a linguagem escrita.

Nas palavras de Augusto (2011), na fase inicial de escolarização, escrever e identificar o próprio nome e conhecer a lista dos nomes da turma são aspectos fundamentais para a apropriação da escrita pelas crianças. Esses conhecimentos serão a base que a criança utilizará para compor outras grafias, porque representam um importante recurso para a compreensão do funcionamento do complexo mundo da escrita. Nesse sentido, o pesquisador sugere algumas formas de trabalho com a lista de nomes da sala, entre elas, consideramos importante destacar: a) reservar alguns dias da semana para identificar os pertences de todos (as crianças escrevem seus nomes em etiquetas com o objetivo de organizar e identificar seus pertences); b) ter sempre na sala a lista completa de todos os nomes, para que as crianças possam consultá-la quando necessário; c) pesquisar com os pais das crianças a história de seus nomes e realizar rodas de conversas para que as crianças compartilhem suas histórias com os colegas; d) aproveitar a lista de nomes nas diferentes situações de sala de aula (verificar a frequência, separar os nomes dos ajudantes ou aniversariantes e realizar bingo de nomes, entre outras atividades). Portanto, essas oportunidades de refletir sobre a escrita alfabética e de usar a linguagem escrita nas suas diferentes funções possibilitam a ampliação das capacidades de pensar e analisar o exercício da escrita e contribuem para o desenvolvimento da linguagem infantil.

Em pesquisa acerca da produção de textos com crianças na Educação Infantil, Girão e Brandão (2011) argumentam que é através da escrita de textos de próprio punho que as crianças devem ser estimuladas a escrever de forma como sabem, sozinhas ou em duplas, para que expressem as suas ideias sobre a escrita. Nesse sentido, é importante que a produção textual esteja inserida na sala de aula da Educação Infantil por meio de situações originadas

das próprias necessidades do ambiente escolar e/ou do plano de ensino do professor. Com base em Britto (2005), as pesquisadoras, alegam que não basta escrever na frente das crianças, pois “é preciso ir além, planejando situações para que a criança escreva tanto ‘com a boca (situação em que a educadora se põe na função de enunciadora ou de escriba)’ quanto ‘com suas próprias mãos’” (GIRÃO e BRANDÃO, 2011, p. 18).

Na mesma direção, o RCNEI – Brasil (1998) expressa que nessa fase de escolarização, as crianças podem se apropriar da escrita através da produção oral de textos, porque nessas situações o professor tem a função de escriba. Além disso, a criança pode também apropriar-se da escrita escrevendo da forma como sabe, isto é, de próprio punho. Assim,

ditar um texto para o professor, para outra criança, é uma forma de viabilizar a produção de textos antes de as crianças saber grafá-los. É com atividades desse tipo que elas começam a participar de um processo de produção de texto escrito, construindo conhecimento sobre essa linguagem, antes mesmo que saibam escrever autonomamente (BRASIL, 1998, p. 146).

Nesse contexto, é importante que as propostas de exploração da escrita estejam relacionadas aos interesses dos alunos e às suas necessidades, para que tenham sentido para as crianças e promovam muitas interações, uma vez que elas “não aprendem sozinhas, mas em interação social, com seus pares, no cotidiano da escola, imersas em práticas culturais da escrita” (AUGUSTO, 2011, p. 130).

Tendo em vista o trabalho com a linguagem escrita na Educação Infantil, Brandão e Carvalho (2011) defendem que ele deve envolver: a) a produção de textos (coletivos ou individuais, em que professor é o escriba) com diferentes finalidades; b) leitura em voz alta de histórias e de outros gêneros; c) memorização e recitação de poesias e parlendas; d) estímulo à participação nas atividades de chamadas utilizando cartões com o nome das crianças escritos com letras bastão e e) estímulo para que elas assinem seu nome nas situações em que isso se faça necessário.

Essas situações possibilitarão a inserção das crianças no mundo letrado, a partir da compreensão de que usamos a escrita/letras e palavras para nomear pessoas e objetos, para narrar um acontecimento cotidiano e, de um modo geral, para a comunicação. Dessa forma, desde a Educação Infantil – 04 e 05 anos –, as crianças podem perfeitamente elaborar um convite, um bilhete, uma notícia ou fazer uma descrição, entre outras possibilidades de escrita. Pode escrevê-los por si mesmas, de próprio punho, ou servindo-se do professor, enquanto

escriba. O mais importante é que os alunos construam o texto, sejam os verdadeiros autores, aqueles que “pensaram a melhor forma de expressar a mensagem que querem transmitir” (CURTO; MORILLO; TEIXIDÓ, 2000, p. 49).

4 Considerações Finais

Verificamos, inicialmente, que o contato das crianças pequenas com a cultura escrita em seus diferentes contextos socioculturais poderá despertar o interesse pela aprendizagem das letras. Por essa razão, o trabalho com a nomeação e identificação das letras na Educação Infantil, por meio da utilização de jogos formados por letras, da escrita dos nomes, da leitura de diversos gêneros textuais e da produção textual escrita, pode representar uma possibilidade para que os aprendizes vivenciem o processo de construção da escrita alfabética.

Em um segundo momento, observamos que as atividades empreendidas em torno da escrita do próprio nome desempenham um papel fundamental na construção da identidade e favorecem a reflexão sobre como o exercício da escrita acontece, porque escrever o próprio nome possibilita o contato com uma grande quantidade de letras e serve de base para produção de outras escritas. Logo, na Educação Infantil, atividades como escrever e identificar o próprio nome e o nome dos colegas de sala tornam-se aspectos fundamentais para a apropriação da linguagem escrita, sem que para isso seja necessário o desenvolvimento de atividades de repetição e reprodução de letras.

Em seguida, averiguamos que a inserção das atividades de produção de textos na Educação Infantil, originadas das necessidades do ambiente escolar e do plano de ensino do professor, representa uma possibilidade de apropriação da escrita nessa fase de escolarização. Assim, atividades realizadas como o objetivo de favorecer a produção de textos orais, em que o professor assume a condição de escriba, e atividades de escrita de “próprio punho”, nas quais as crianças escrevem livremente, da forma como sabem, são formas de inserir os aprendizes no mundo letrado, pois, é a partir dessas situações que eles começarão a compreender que usamos a escrita para nomear, narrar acontecimentos e para nos comunicarmos.

Compreendemos, a partir dessas contribuições, que a identificação e a nomeação das letras, as atividades empreendidas em torno da escrita do próprio nome da criança e a inserção das atividades de leitura e produção de textos na sala de aula da Educação Infantil são aspectos considerados importantes para a aquisição da linguagem escrita nessa fase de escolarização. Portanto, assumimos que, desde os momentos iniciais de sua formação,

diferentes procedimentos devem ser tomados como objeto de aprendizagem das crianças para que vivenciem experiências significativas com a linguagem escrita. Nesse sentido, quando propomos este estudo, entendemos que, por meio dele, além desta pesquisadora, outros docentes poderão refletir acerca de suas práticas, de modo particular no que diz respeito à mediação do professor em relação à aquisição da escrita na sala de aula de Educação Infantil.

5 Referências

ALBUQUERQUE, E. B. C. de.; LEITE, T. M. R. Explorando as letras na educação infantil. In: BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. C. S. **Ler e escrever na educação infantil: discutindo práticas pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 93-115.

AUGUSTO, S. O. A linguagem escrita e as crianças: superando mitos na educação infantil. **Caderno de Formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 120-133. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/361/3/D14_Caderno.pdf> Acesso em: 12 de outubro de 2017.

BRANDÃO, A. C. P.; CARVALHO, M. J. P. de. As fichas de atividades de linguagem escrita na educação infantil. In: BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. C. S. **Ler e escrever na educação infantil: discutindo práticas pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 139-163.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: conhecimento de mundo**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. V. 03. Brasília, MEC/SEF, 1998.

CRUVINEL, F. R.; LIMA, B.; ALVES, G. M. Como desenvolver a linguagem oral e escrita na educação infantil. **Revista Científica Eletrônica de Pedagogia**. Garça, SP, n. 21, p. 08-13, jan./jun., 2013. Disponível em: <http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/UhW5zSfhKBavvsJ_2013-7-10-17-39-27.pdf>. Acesso em: 12 de julho de 2017.

CURTO, L. M.; MORILLO, M. M.; TEIXIDÓ, M. M. **Escrever e ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler**. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução: Sandra Regina Netz. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15-41.

FAYOL, M. A criança diante da escrita. In: FAYOL, M. **Aquisição da escrita**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014, p. 33-47.

GIRAO, F. M. P.; BRANDÃO, A. C. P. Ditando e escrevendo: a produção de textos na educação infantil. In: BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. C. S. **Ler e escrever na educação infantil: discutindo práticas pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 117-137.

LEANDRO, H. A. T.; ARANTES, T. T.; GOMES, N. S. O processo de aquisição da linguagem oral e escrita: um olhar sob a perspectiva pedagógica. **Revista Avelavra**. Alto Araguaia, MT. Vol. 01, n. 15, p. 01-10, jul. 2013. Disponível em: <<http://www2.unemat.br/avelavra/EDICOES/15/artigos/turacanatananiel.pdf>>. Acesso em: 12 de julho de 2017.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

OLIVEIRA, M. M. de. Instrumentos de pesquisa. In: OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 78-90.

SANTOS, C. G. A revisão textual realizada por crianças: uma visão panorâmica. **Revista Escrita**. Rio de Janeiro, RJ. N. 21. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_escrita.php?strSecao=input0>. Acesso em: 05 de outubro de 2017.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

VYGOTSKY, L. S. A pré-história da linguagem escrita. In: COLE, M; SCRIBNER, S. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Trad. José Cippola Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Astro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 125-145.